

MODALIDADES E DERIVAÇÕES DA COMUNICAÇÃO NO MUNDO DA VIDA: sentidos, experiência e interação¹

MODALITIES AND OFFSHOOTS OF COMMUNICATION IN THE LIFE-WORLD: meanings, experience, interaction

Luís Mauro Sá Martino
Ângela Cristina Salgueiro Marques²

Resumo: Este trabalho delinea algumas relações epistemológicas entre o conceito de comunicação e a noção fenomenológica de “mundo da vida”, procurando destacar a natureza ontologicamente comunicacional deste último. A partir de uma discussão teórico-crítica dos conceitos, busca-se indicar algumas articulações possíveis. O argumento se desdobra em três direções: (1) são discutidos alguns aspectos do conceito de “mundo da vida”, sublinhando seu aspecto relacional-comunicativo; (2) a partir daí, destaca-se o conceito de “comunicação” pautado nessa noção fenomenológica; (3) são delineadas algumas tensões entre as abordagens do “mundo da vida” em Husserl e Habermas.

Palavras-chave: Comunicação. Epistemologia. Fenomenologia.

Abstract: This paper addresses some epistemological relationships between the concept of ‘communication’ and the phenomenological notion of “life-world”, highlighting the latter’s ontology as a communication-grounded idea. The goal is to draw some articulations between them to the study of Communication from a theoretical and critical point of view. The argument is threefold: (1) it presents and discusses the concept of ‘life-world’, stating its relational and communicative aspects; (2) it discusses a concept of ‘communication’ grounded on this phenomenological notion; (3) it draws some relationships between this phenomenological approach and some of Habermas’ Theory of Communicative Action.

Keywords: Communication. Epistemology. Phenomenology

1. Introdução

O conceito de comunicação vem ganhando uma renovada atenção nos estudos da área nos últimos anos. Ao redor de outras temáticas próprias das discussões epistemológicas da área, como a questão do objeto da Comunicação, as ambivalências das teorias da comunicação ou a constituição de suas fronteiras enquanto campo social, percebe-se em alguns momentos uma volta ao conceito em si, procurando, nesse retorno, encontrar algumas

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.

² Luís Mauro Sá Martino. Professor do PPG da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Email: lmsamartino@gmail.com. Ângela Cristina Salgueiro Marques. Professora do PPG-COM da UFMG. Doutora em Comunicação pela UFMG. Email: angelasalgueiro@gmail.com

qualidades específicas que possam eventualmente se tornar um ponto de partida, ou de referência, para outras discussões.

Note-se, por exemplo, as problemáticas desenvolvidas por Wolton (1997) ou as trilhas percorridas por Vizer (2011), Marcondes Filho (2010) e Braga (2010) em diferentes momentos para responder à pergunta “o que é comunicação”, fundadora e fundamental para se entender a área. Este texto não se situa no âmbito desses debates, mas gostaríamos de salientar uma outra dimensão para pensar o conceito, em trilha que se intersecciona com a seguida, entre outros, por Habermas (1982), Gamson *et alli* (1992) ou Temer (2010).

O objetivo deste trabalho é pensar o conceito de comunicação a partir da noção fenomenológica de “mundo da vida”, desenvolvida por Edmund Husserl e empregada, nem sempre com o sentido original, por diversos outros autores, alguns, inclusive, procurando vinculá-lo aos estudos de comunicação. A partir de uma discussão teórico-crítica, procuram-se discutir as possibilidades de articulação do que seria um conceito de comunicação aproximado a um sentido fenomenológico com alguns elementos do pensamento comunicacional.

A argumentação do texto é dividida em três partes: (1) um exame do conceito de “mundo da vida”, indicando sua dimensão comunicacional; (2) um conceito de comunicação em sua relação com o de “mundo da vida”; (3) as aproximações entre o conceito de “mundo da vida” e algumas reflexões de Habermas. No todo, procura-se salientar, dentro da concepção de “mundo da vida”, os elementos que permitem alcançar uma dimensão dos fenômenos a partir de um conceito de comunicação.

2. O “mundo da vida” como espaço de comunicação

O conceito de “mundo da vida” reveste-se de fundamental importância no universo comunicacional na medida em que sua constituição e dinâmica implicam uma dimensão relacional intrínseca. Espaço de transcendência criado paradoxalmente na imanência das relações interpessoais, apresenta-se como uma teia de signos e significados em constante movimento a partir, e entre, os sujeitos que o constituem, ao mesmo tempo em que os ultrapassam em sua magnitude.

Proposto pela primeira vez por Edmund Husserl (2004 [1936]) em “A crise das ciências européias e a fenomenologia contemporânea”, o termo ganhou várias apropriações e

variações, tanto na filosofia, em particular nos trabalhos de Heidegger e Habermas, quanto na sociologia de Schutz, Luckmann e Berger. Se seus desenvolvimentos muitas vezes levaram a caminhos contraditórios, é possível encontrar pontos comuns nas frestas das discrepâncias entre esses autores a partir de uma volta ao conceito em si, enquadrando-o na perspectiva específica de compreensão não de seus usos, mas de alguns de seus componentes fundamentais.

A dimensão propriamente comunicacional do conceito de “mundo da vida” não parece ser objeto de muitas discussões, embora, por outro lado, seja trabalhada por autores fundamentais. Por exemplo, Habermas dedica uma parte considerável de sua *Teoria da Ação Comunicativa* a esse conceito, salientando sua dimensão comunicacional ao revelar que o mundo da vida possui a fluidez característica das histórias de vida particulares, das experiências, das identidades de grupo e das situações cotidianas de diálogo que se “emaranham”. Esse aspecto comunicacional do mundo da vida será encontrado também em artigos de Schutz (1962) a respeito da noção de um “cidadão bem informado”.

O conceito de “mundo da vida” apresenta-se à apreensão primeira como algo próximo de uma redundância: não há “mundo”, exceto em perspectiva cósmica, que não seja o “da vida”. O “mundo da vida” parece carecer de um complemento que deixasse específico do que se trata, como “mundo da vida cotidiana” ou “mundo da vida mental”. A ausência de adjetivação faz com que seu sentido, de alguma maneira, seja, ainda que vagamente, relacionado com o que poderia ser um “mundo do cotidiano” ou o próprio “cotidiano”. Em certa medida, esse é o caminho trilhado por Berger e Luckmann (1973) em sua obra clássica e isolada sobre sociologia do conhecimento, responsável por associar a noção de “mundo da vida” a uma forma radical de construtivismo social, indicado já no título “A construção social da realidade”. O conceito já está ausente nela, pensado em termos sucedâneos como “habitat simbólico” ou simplesmente como “cotidiano”. Algum esclarecimento pode ser pensado a partir do próprio termo.

Como várias palavras em alemão, *Lebenswelt* é composta de um substantivo, “mundo” (*welt*) e uma qualificação, “da vida”, (*leben*). A expressão original alemã ganha a tradução francesa de “monde de la vie”, enquanto a tradução norte-americana de Habermas prefere “Life-World”. O termo *Leben*, no entanto, pode ter o sentido de “viver” e também de “vida”, aproximando-se de “da vida”. Essa ambigüidade permite jogar com o significado e

pensar na validade da tradução proposta por Stein (2004), utilizando *leben* como partícipio passado e chegando, nesse caso, a “mundo vivido”. Essa mudança sutil na tradução pode alterar a compreensão do termo e o alcance de seu significado.

Se o “mundo da vida” é o espaço no qual a vida *acontece*, um “mundo vivido” parece ganhar uma dimensão específica da “experiência vivida”, e, portanto, trataria-se do espaço não onde o mundo *acontece*, mas no qual é, em um necessário exercício de elasticidade da língua portuguesa, *experienciado*, tornado experiência indelevelmente vivenciada – daí a dificuldade de usar o termo “experimentado” por conta de suas possíveis associações com um sentido mais superficial, comum, que a noção de *Lebenswelt* parece incluir mas à qual não pode ser reduzida. O *Lebenswelt*, nesse caso, não é apenas o “mundo da vida”, no qual as experiências se desenrolam diante dos olhos atônitos de um espectador, mas é o mundo no qual essas experiências se desenrolam *no* sujeito, ao seu redor, e são por ele continuamente vivenciadas – o “mundo da vida” seria, nesse caso, também o “mundo da vivência”, “mundo da experiência consciente”, do qual cada pessoa é parte constitutiva e no qual os indivíduos estão igualmente imersos (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973:04).

Uma tentativa de compreensão do conceito de *Lebenswelt*, mesmo que esteja longe de ser detalhada e exaustiva – caso deste trabalho, aliás – pode ter algum benefício atentando para essa ambivalência do termo no que concerne às dimensões do que pode ser efetivamente compreendido como “vida”, “vivência” ou “vivido” em cada um dos casos. A perspectiva da experiência vivida como formação e ao mesmo tempo formadora do “mundo vivido” faculta uma aproximação com uma esfera propriamente comunicacional do conceito e de algumas de suas derivações, motivo pelo qual pode servir como ponto de partida para uma reflexão mais pontual a respeito.

O “mundo da vida”, se inicialmente percebido como uma dimensão fundamentalmente descritiva de ações, está envolvido igualmente em uma dimensão interpretativa devida e necessária ao aspecto relacional de sua constituição. O aspecto superficial do “mundo da vida” permitiria uma equiparação com as formas menos sutis de percepção da experiência ao alcance da mente na falta de atenção ao que se passa senão enquanto necessidade de ação imediata – o “senso comum” ou a “vida cotidiana”, camada primeira do “mundo da vida”, que só por efeito de metonímia poderia ser com ele igualado.

A percepção mais avançada do “mundo da vida” não permite sua apreensão senão enquanto dinâmica inapreensível à experiência menos atenta, despercebida do movimento de consciência em relação ao mundo ao redor, uma consciência não consciente de si mesma, incapaz de se situar no fluxo temporal de maneira a isolar ou pelo menos colocar em perspectiva seu próprio estado e condição enquanto *mens sensitiva*, e, portanto, em uma meta-percepção, observar como, ao se relacionar com o mundo ao redor, é ao mesmo tempo criadora e resultado. A *res cogitans* no sentido estabelecido por Descartes atinge uma dimensão nova na Fenomenologia de Husserl ao ter suas propriedades evidenciadas na relação de auto-referência a uma *mens sensitiva* que, sem lhe ser inferior, pode no entanto por ela ser moldada na percepção de sua ação. A intencionalidade da consciência só pode ser apreendida pela própria consciência, mas desde que se interrompa, a partir de um ato dessa mesma consciência, o fluxo das percepções e a dinâmica temporal de experiências. Se toda a consciência, na proposição conhecida de Husserl, é “consciência de alguma coisa”, a percepção e compreensão dos próprios estados dessa consciência em relação com a coisa não existem senão um exercício de auto-consciência.

Não se trata evidentemente de um exercício de tautologia perceptivo-cognitiva na medida em que o objeto da consciência, nesse estado de auto-observação, não é um elemento abstrato, mas a relação dessa mente com o mundo ao seu redor e com outras consciências. Uma volta às coisas, ou volta à compreensão das coisas derivada da percepção dos fenômenos apreendidos pela consciência, é possível por conta da dinâmica propriamente interrelacional da consciência, sem a qual o estado mental seria o de um vazio absoluto – tomando tal como possível.

O momento da consciência é o momento próprio da existência, recordando que o sentido de “existir” refere-se ao *ex-sistere*, que poderia ser pensado em termos de um movimento, o “desembaraçar-se de si mesmo” ou, agredindo a língua portuguesa, o ato de “sair para fora” do que se é.

A existência em si, no caso do humano, não pode ser pensada senão em uma dimensão relacional, no qual ela efetivamente participa – no sentido de “participação” derivado de uma concepção ontológica de relação (cf. GEIGER, 1953) – de algo para além de si mesma e que a dirige no sentido de uma exterioridade que só pode ser captada, entendida e assimilada a partir de uma ligação direta com a interioridade da consciência do ser. A

participação implica uma constante troca no sentido de que, na apreensão do fenômeno, a consciência participa do objeto tanto quanto o objeto participa da consciência no momento de sua ligação; de onde a intencionalidade da consciência só poder efetivamente se afirmar, na perspectiva de Husserl, como consciência de alguma coisa, isto é, voltada para fora (“ex-”) em contato com algo que, uma vez percebido, torna-se vivência, algo experimentado, participado, mundo vivido.

Essa sutileza no espaço da participação é notada quando se pensa em termos de um “mundo vivido” ao lado de um “mundo da vida” como duas vias paralelas e semelhantes, talvez intercaladas, das percepções e da consciência dentro do próprio ato de conhecer a si mesma e ao mundo. O “mundo da vida”, nesse sentido, é o “mundo da consciência” em relação.

O ato de existir, nessa perspectiva, pode ser ligado ao ato da consciência que só existe enquanto tal no momento em que “sai para fora” de si mesma na relação com um objeto. A percepção, a experiência, a consciência e a própria existência estão vinculadas nessa perspectiva a uma noção de movimento constante, que só não se aproxima mais de Bergson por conta do foco não ser necessariamente a consciência no/do tempo de desenrolar de uma duração específica, mas na relação com o tempo presentificado e artificialmente modificado para que a consciência dê conta de si mesma.

A concepção de Husserl ao criar a noção de “mundo da vida” parece ser em alguma medida o ato de dar significado ao cotidiano, dirigindo ao trivial uma atenção que se dá apenas ao excepcional e, nesse movimento, “desvelar” (*alethos*), na perspectiva fenomenológica, que o ordinário e o trivial são qualquer coisa menos irrelevante. O cotidiano realçado pela experiência que o faz (re)ganhar a atenção de uma consciência na qual um exercício de percepção auxilia a ver o que, em geral, está opaco: o conceito de “mundo da vida” situa-se nessa dimensão, articulando-se com o ato da consciência de se tornar auto-consciente a partir da localização da experiência.

A procura pelo significado do cotidiano, mais do que a perspectiva inerte de tomar esses significados como dados e acabados, parece caracterizar a consciência em uma perspectiva fenomenológica. Como sintetiza Stein (2004:35), “nenhum de nós está desligado dessa matriz de significância”.

O “mundo da vida” é o mundo edificado nos/sobre dados na forma de signos e significados apreendidos pela consciência intersubjetiva, que neles encontra a matéria-prima das interpretações que efetivamente vão constituir a experiência de vida, o “mundo vivido”. Não há “mundo da vida” sem significados; não há “mundo da vida” sem comunicação.

3. A comunicação e a constituição do “mundo vivido”

O que levaria um pensador do porte de Husserl a dedicar uma reflexão específica ao conceito de “mundo da vida” se fosse possível tomá-lo como sinônimo de “cotidiano”? O autor trabalha a noção de “cotidiano” e mesmo a emprega em “mundo da vida cotidiana”. Nas palavras de Stein (2004:13), recuperar o cotidiano é a “empresa de devolver espessura ao ôntico, ao indivíduo em sua rotina”, ou seja, revelar o cotidiano, fonte primária e primeira da experiência consciente. Um retorno às coisas, na perspectiva fenomenológica, de certo modo implica um retorno ao cotidiano, às experiências comuns, de “todos os dias”, no sentido do original em Latim de *quotidianum*.

O que não acontece “todos os dias”, e portanto não é “cotidiano”, destaca-se no campo da consciência como algo excepcional, a “exceção”, o “grande evento”, e, justamente por isso, tende a implicar uma atenção quase espontânea da consciência.

A redução fenomenológica na volta à experiência das coisas não pode lidar apenas com os espaços da excepcionalidade; seria deixar de lado o fato de que, no cotidiano, no todo dia, as percepções da consciência podem ser igualmente constantes, contínuas e dirigidas à experiência que, efetivamente, *não* se destaca por si só.

O conceito de “mundo da vida”, nessa perspectiva, parece ser empregado para dar relevância, posto que parte da consciência, ao que ordinariamente não se considera relevante, não se percebe, não se vê e, ao mesmo tempo, quando observado, revela-se como algo importante. A realidade social, na visão de Schatzki (1988:243) é edificada na “passagem contínua da vida humana”, no contínuo e no fluxo, na existência “momento-a-momento”, estabelecida e estabelecendo-se a cada instante.

Em uma aproximação com a perspectiva exposta por Heidegger (2005), e tomando de empréstimo sua terminologia, o “mundo da vida” realça o cotidiano, o ordinário e o trivial para “des-velá-los”, para tirá-los do esquecimento (Heidegger retoma a noção de *a-lethos*, o “não esquecimento” ou, nos limites da língua portuguesa, “desesquecer”) provocado pelo fato

de não chamarem a atenção espontaneamente, mas requererem um esforço da consciência em observá-los, senti-los, trabalhá-los como fenômenos, buscando na transparência suas infinitas conexões nas quais se revelam partes importantes, decisivas e constitutivas da experiência.

A palavra “comunicação” pode aproximada nesse contexto do conceito de “mundo da vida”. O ato de “comunicar”, lembram Lima (1983) comporta em si uma dimensão de “tornar comum”, “compartilhar”, situando-se na perspectiva de “communis”, de onde deriva também “comunhão”, “estar junto”. O mundo da vida é um mundo compartilhado, tornado comum pela via da comunicação entre a consciência e o objeto, mas também entre uma consciência e outra.

O vínculo entre as consciências no processo de constituição do mundo da vida pauta-se sobretudo na reciprocidade criada nas representações comuns geradas a partir de narrativas compartilhadas a respeito dessa realidade. O objeto de apreensão da consciência, mesmo em sua experiência mais próxima de uma relação direta, não deixa de ser mediatamente transformada em um “texto” no momento em que deve ser compartilhada (MARTINO, 2007); ou, como limita Stein (2004:45), “as coisas são, de algum modo, fala”. Fora do âmbito da comunicação de significados o mundo da vida tenderia à inexistência por conta do solipsismo de uma consciência auto-referente e incapaz de mover-se para fora – o ato de existir, o *ex-sistere*, não deixa de estar ligado a relações de comunicação no sentido amplo do termo.

O “mundo da vida” pode ser pensado, nesse aspecto, como o espaço de compartilhamento narrativo das experiências vividas, ou, em outras palavras, na narração do mundo experienciado pela consciência que se torna, a partir daí, igualmente uma parcela do “mundo da vida” de outra consciência (Cf. BRUNER, 1991; GERBNER, 1999, MARCONDES FILHO, 2010). A interação comunicativa auxilia a tornar comum e acessível o significado de uma experiência organizando-a narrativamente.

As limitações presentes na constituição das narrativas a serem compartilhadas, ou, em outras palavras, “comunicação” e “incomunicação”, relacionam-se com a formação do mundo da vida na medida em que, individualmente, este é formado por experiências vividas e recebidas, via comunicação, dos outros. O comunicado, o comunicável, o incomunicado e o incomunicável são dimensões concomitantes do mundo da vida em suas várias manifestações, trabalhando na constituição de uma realidade comum que, por sua vez, não

deixa de agir sobre o indivíduo que a (re)produziu em seus atos de comunicação. A relação é, segundo Schieffelin (1980:503), espaço de “troca de significados”, de compartilhamento, de estabelecimento de espaços comuns de sentido e representações.

O conceito de comunicação em uma perspectiva fenomenológica pode ser relacionado com a noção de “mundo da vida” ao indicar uma esfera de compreensão integrada da relação sujeito-objeto e da relação intersubjetiva de partilha de um “comum”. O conceito de comunicação passa a ser pensado como forma relacional de experiências na construção mútua e recíproca de uma realidade na qual se está imerso e da qual também se faz parte.

O indivíduo é constitutivo *do* e constituído *pelo* mundo da vida; as relações sociais o atravessam e são por ele retrabalhadas no âmbito da experiência individual mediada pelas experiências prévias de sua trajetória consciente (GOFFMAN, 1974; ENTMAN, 1993). Não há dicotomia entre categorias geralmente separadas, como “sujeito” e “sociedade” ou “comunicação” e “sociedade”. Abre-se, com isso, a oportunidade para se pensar o indivíduo como um ser em relação, um ser em comunicação no qual essas dimensões se misturam continuamente. O indivíduo participante do mundo da vida contribui para sua reelaboração contínua a partir das modificações que potencialmente podem por ele ser inseridas (cf. SCHATZAKI, 1988:243).

Evita-se, igualmente, a perspectiva de se falar em uma “realidade objetiva” como oposta a uma “realidade subjetiva” visto que se tratam de dimensões diferentes, mas não desligadas, do conjunto de representações do mundo da vida em momentos diferentes de apreensão; a realidade “está lá” em um princípio indisputado de verdade; no entanto, essa “verdade”, se pode ser atingida pela consciência individual, não pode ser *comunicada* senão enquanto *representação*, e isso imediatamente coloca limites para o conceito de “verdade” no âmbito da representação – veja-se, a respeito, os estudos de Lima (1980) sobre as relações entre representação, verdade e classificações sociais.

Assim, o “mundo da vida”, pensado em relação a esta primeira perspectiva comunicacional, encontra em seu horizonte a qualidade de lidar com dicotomias que percorrem parte dos estudos comunicacionais.

4. O “mundo da vida” como contexto de interações comunicativas

Os estudos a respeito das relações da mídia no estabelecimento do “mundo vivido”, ou, em sua derivação, a perspectiva de compreensão da mídia a partir desse conceito, ou de seus derivados próximos na perspectiva conceito sócio-construtivista de Comunicação são tradicionais na área. Sua utilização plural não por acaso levou igualmente a perspectivas às vezes contraditórios entre si, na medida em que tanto a Fenomenologia de Husserl quanto o sócio-construtivismo de alguns de seus herdeiros permitem diversas explorações da “construção social da realidade” ou da “construção comunicacional da realidade”. Sem a pretensão de discutir todas as derivações teóricas do conceito de “mundo da vida” na Comunicação, são pontuadas aqui duas que parecem ser principais, a perspectiva habermasiana exposta em sua “Teoria da Ação Comunicativa”, de Habermas (1982).

Em suas reflexões filosóficas, Husserl e Habermas parecem partir da mesma indagação: “que significa uma reflexão filosófica que tenha como protagonismo o mundo da vida?” (PIZZI, 2006, p.115). No nosso caso, poderíamos perguntar: “que significa uma reflexão comunicacional que tenha como protagonismo o mundo da vida?”.

Pontos de aproximação entre Husserl e Habermas podem ser mencionados, como a tentativa de estabelecer conexões entre a teoria e as necessidades da vida; e o entendimento de que o programa fenomenológico do conhecimento, ao eleger o mundo da vida como solo familiar ou pano de fundo para a interação, vincula os sujeitos na busca por um entendimento mútuo através da linguagem, tornando-os atores e retirando-os da posição de observadores.

Um dos principais pontos de tensão entre Husserl e Habermas deriva do papel atribuído à experiência dentro da abordagem fenomenológica. Se em Husserl a experiência individual pode estabelecer uma mediação entre o sujeito particular e o mundo, em Habermas a experiência individual (meditação, reflexão subjetiva) só consegue ser mediadora se for submetida a um teste intersubjetivo de validade, realizado não sob a forma de uma troca linguageira ingênua, mas sob a forma do discurso. Habermas critica Husserl de permanecer atado à filosofia da consciência, enquanto ele privilegia o agir intersubjetivo.

Para Husserl o mundo da vida é o mundo da experiência vital, o horizonte universal no qual se realiza a experiência concreta do mundo e da vida. O mundo da vida é toda a esfera de experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas,

concebendo e realizando planos. O conceito foi cunhado por Husserl de modo a fazer frente a uma cultura que exclui toda forma de justificação que não seja científica. O mundo da vida, nesse sentido, oferecerá uma racionalidade capaz de se aproximar da problemática humana: “uma racionalidade situada, encarnada e alicerçada na experiência vital, que jamais deve permitir a manipulação da consciência de cidadãos livres e comprometidos com a vida, com o bem-estar, com a democracia e com os princípios que oferecem suporte a essas questões (PIZZI, 2006, p.110). Segundo Husserl, “a racionalidade científica acaba demarcando a experiência vital dos homens de forma tal que passa por alto a dimensão do sentido e dos interesses inerentes aos processos do conhecimento e da integração social” (PIZZI, p.113).

Por sua vez, em Habermas, o conceito de mundo da vida está associado a uma forma de racionalização que confere primazia aos proferimentos e à discursos teóricos e práticos, restringindo a razão a uma teoria do conhecimento meramente cognitivo-instrumental. Dito de outro modo, o conceito de racionalidade em Habermas, sobretudo de racionalidade comunicativa, que seria ancorado no mundo da vida, tende a sufocar o contexto experiencial de vida que representa o *Lebenswelt*.

Segundo Habermas, a busca por entendimento entre interlocutores que, ancorados em suas experiências cotidianas, usam a linguagem para construir um quadro comum de percepção e acesso a problemas coletivos é amparada por um conhecimento de fundo, “um mar de realidades culturais inquestionáveis, ou seja, de certezas consensuais” (HABERMAS, 1982, p.272) que permite antecipar e buscar corresponder às expectativas alheias, sejam elas normativas, afetivas ou cognitivas.

Um sujeito que usa a linguagem para, em interação com outros, buscar esclarecimento recíproco sobre uma questão de interesse coletivo tem em mente as expectativas do outro e, por isso pode construir seus argumentos de modo a procurar satisfazer tais expectativas e, claro, alcançar satisfação pessoal. Agindo nesse sentido é possível produzir, através de um trabalho intersubjetivo, tanto um auto-entendimento (nossas posições e posturas se tornam claras) quanto o entendimento mútuo da situação. Ao mesmo tempo, é também possível partir de (e reproduzir) um “saber implícito, intuitivamente presente, como uma rede transparente de pressuposições” (HABERMAS, 1987, p.131) de modo a conferir um solo firme a práticas e significados compartilhados, atualizados e instituídos pela linguagem na vivência rotineira dos indivíduos.

Habermas conceitua o mundo da vida como um “saber concreto” relativo à linguagem e à experiência e que prepara o terreno para a construção coletiva e cooperativa de interações voltadas para o entendimento mútuo. Ele seria, então, o conjunto de “tradições, embebidas em formas de vida culturais, entrelaçadas com histórias de vida individuais” (1982, p.250). Assim, ele proporciona elementos que auxiliam a constituir a situação de interlocução, a demarcar a posição dos agentes e a definir as questões em debate (HABERMAS, 2002, p.87). Ao mesmo tempo em que o mundo da vida emoldura as interações comunicativas dos sujeitos, ele se transforma e se modifica através dessas interações.

Observado a partir de uma perspectiva de raízes fenomenológicas, as narrativas relacionam-se diretamente com o “mundo da vida”, abrindo clareiras na opacidade do conjunto dos fenômenos e tornando-os próximos da apreensão consciente do indivíduo (TEMER, 2010). Nesse ponto, embora os cânones do jornalismo coloquem como premissa fundamental a busca pelo “novo” e pelo “relevante”, vale lembrar que essas duas categorias não emergem senão como parte do cotidiano, e a aproximação jornalística trabalha a reconstrução do fato enquanto fenômeno a ser comunicado, não a ser analisado na profundidade que as ciências particulares ou mesmo as áreas específicas de saber o farão.

O “novo” e o “relevante”, dois dos elementos responsáveis pela geração de formas conversacionais na experiência cotidiana, nesse ponto, aparecem eles mesmos como categorias a serem colocadas “entre parênteses” na medida em que o conceito de “notícia”, no sentido latino original de “novidade”, ocuparia um lugar muito reduzido fora da perspectiva temporal igualmente reduzida do tempo de obsolescência da informação; não é todos os dias que há um fato que realmente irrompe na experiência (e, por isso mesmo, afasta-se do “mundo cotidiano” em sentido estrito) como um casamento, o nascimento de um filho ou, em termos macro-sociais, uma posse presidencial ou a final de um campeonato; parte talvez considerável dos relatos, ao contrário, tornam relevante, ou buscam tornar relevante, eventos do cotidiano pinçados do “mundo da vida” em seu sentido fenomenológico.

Não por acaso, essa cotidianidade na qual o indivíduo se move e se esforça para relatar é, em essência, uma repetição (BARROS FILHO e MARTINO, 2003); paradoxalmente, do ponto de vista fenomenológico, a busca pela conversação cotidiana é, em

si, um movimento de repetição da singularidade da experiência, próximo do argumento de Schutz e de sua descendência no construtivismo social.

Habermas atribui três importantes funções ao mundo da vida. A primeira diz respeito à sua capacidade de proporcionar aos indivíduos um *horizonte de certezas imediatas* para suas interações comunicativas. Tais certezas só se tornam questionáveis quando entram em contato com as demandas de validade presentes nos proferimentos do interlocutores deixando de integrar o âmbito da “familiaridade intuitiva” para compor o primeiro plano do questionamento e da justificação (HABERMAS, 1987, p.124). A segunda função é a de ser um reservatório comum de recursos interpretativos para que os atores possam tornar claros seus proferimentos acerca de algo no mundo. Envolvidos na ação comunicativa, os atores sociais vêm surgir às suas costas o mundo da vida. Situados então, diante de um panode fundo que engloba tradições e modelos de interpretação intersubjetivamente reconhecidos, os atores atualizam valores simbólicos, estabelecem laços de pertencimento e solidariedade e afirmam suas identidades. E a terceira função esclarece a ligação entre o mundo da vida e a ação comunicativa, isto é, de acordo com Habermas, o mundo da vida só pode se reproduzir através de ações comunicativas em constante andamento.

O mundo da vida garante os marcos para uma interação comunicativa a partir de convicções de fundo não problemáticas e comuns. Tais marcos têm origem num “estoque de conhecimento” vindo de experiências passadas e presentes, e que podem antecipar as coisas que virão. Entretanto, essa sedimentação do significado não pode estar apartada da constante definição de situações problemáticas, nas quais os sujeitos, ao experimentarem fenômenos até então não-familiares, negociam, questionam, reinventam e produzem novos significados.

O mundo da vida é, como diz Habermas, um “emaranhado” em que os mundos vividos, “habitados coletivamente, tal como o texto e o contexto, se entrelaçam, sobrepõem e interligam mutuamente” (2002, p.93). Nos contextos de ação do mundo da vida, ao buscarmos o entendimento recíproco, de forma cooperativa, os atores tomam contato com a história de vida e com o mundo dos outros, ou seja, de seus parceiros de interação. Esse contato permite que os atores renovem suas tradições e modelos de entendimento e interpretação, permite ainda que desenvolvam e afirmem suas identidades pessoais e coletivas. No decorrer deste processo de comunicação intersubjetiva, as dimensões do mundo da vida são reproduzidas.

Ainda outro aspecto do conceito de mundo da vida em Habermas merece destaque: sua relação com a mídia. Por um lado, o autor reconhece a existência de “fluxos de comunicação espontânea, não subvertida pelo poder”, espraiados nos domínios da vida cotidiana na esfera civil. Por outro, ele destaca o poder manipulatório da mídia de “controlar os fluxos de comunicação que afetam o comportamento do público, ao passo que as suas intenções estratégicas são mantidas escondidas o tanto quanto possível” (HABERMAS, 1992, p.437).

Habermas caracteriza a mídia como instituições que podem ser usadas para controlar a opinião pública, implicando uma grande perigo para a formação de esferas públicas entre o mundo da vida e os sistemas. Contudo, ele afirma que “a mídia de massa liberta os processos comunicativos dos contextos restritos e permitem que esferas públicas apareçam através do estabelecimento uma simultaneidade abstrata de uma rede virtualmente presente de conteúdos da comunicação que pode se mover no espaço e tempo tornando válidas mensagens para inúmeros contextos” (1987, p.389). A mídia ocupa sempre um papel dúbio no pensamento de Habermas: ora ela coloniza o mundo da vida, ora ela atua como caixa de ressonância dos problemas que afetam os sujeitos e sua ação no mundo da vida, publicizando questões e organizando tematicamente os pontos de vista que dão forma aos debates que ocorrem na esfera pública.

Considerações finais

A comunicação, vista como interação entre interlocutores, discursos, dispositivos, espaços conversacionais e interpretações, aproxima distâncias e diferenças, conferindo destaque à singularidade da experiência por meio de um trabalho minucioso de alinhamento de uma multitude de pontos e de elementos responsáveis por estabelecer o contato entre os indivíduos. Contato esse que nunca aparece sob uma única forma, pois é, ao mesmo tempo, afetivo e racional, consensual e conflitivo, estético e político. Não podemos desconsiderar as características comunicativas do processo de construção de um “mundo comum”, um mundo da vida que constitui e é constituído por meio das interações sociais.

Apesar das várias diferenças que marcam a abordagem do conceito de mundo da vida em Husserl e Habermas (ver PIZZI, 2006), suas contribuições permitem não mais opor o mundo da vida ao mundo das ciências, valorizando o programa fenomenológico do

conhecimento e transformando-o em eixo central para a constituição de uma teoria da ação. Acreditamos também que esse conceito configura-se como primordial para a reflexão sobre a comunicação, uma vez que traz para a linha de frente as experiências que “quebram a rotina daquilo que é auto-evidente, construindo uma fonte de contingências. Elas atravessam expectativas, correm contra os modos costumeiros de percepção, desencadeiam surpresas, trazem coisas novas à consciência” (HABERMAS, 2002, p.85).

O conceito de mundo da vida, do modo como aparece nas apropriações de Habermas ou em alguns aspectos da perspectiva sócio-construtivista, mostra-se como um espaço de constituição de um conceito de comunicação apreendido em uma dimensão relacional e, portanto, um pouco mais ampliado do que a perspectiva focada nos meios – entendidos como elementos tecnológicos – dentro da Comunicação.

O mundo da vida é o “solo” no qual as interações se constroem a partir de um recorte temático e da criação da situação de fala, no qual são tecidas relações de comunicação. Mas é também o mundo intersubjetivo, aquele que, a um só tempo, surge como pano de fundo às costas dos atores sociais, alterado na medida em que esses atores performam, se expressam e agem reciprocamente. A retomada do conceito e, sobretudo da Fenomenologia de Husserl em suas várias modalidades enfatizando a centralidade da comunicação – veja-se, por exemplo, as discussões levadas a efeito, em diferentes terrenos, por Braga (2010), Marcondes Filho (2009), Signates (2011) e Temer (2010) indicam as possibilidades de exploração dessa trilha para a apreensão de outras dimensões da comunicação, fenômeno cotidiano e inesperado, conceito ainda, e talvez sempre, objeto de discussão.

Referências

- BARROS FILHO, C. & MARTINO, L. M. S. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRAGA, J. L. Nem rara nem ausente – tentativa. **Matrizes**, vol. 4 no 10., 2010.
- BRUNER, J. The Narrative Construction of Reality, **Critical Inquiry**, Vol. 18, No. 1. (Autumn, 1991), pp. 1-21.
- ENTMAN, R. M. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, 43(4) Outono 1993.
- FRANK, A. Reality Construction in Interaction. **Annual Review of Sociology**, Vol. 5. (1979), pp. 167-191.

- GAMSON, W. et alli. Media Images and the Social Construction of Reality, **Annual Review of Sociology**, Vol. 18. (1992), pp. 373-393.
- GEIGER, L. B. **La participation dans l'oeuvre de Saint Thomas**. Paris: Vrin, 1953.
- GERBNER, G. The stories we tell. **Peace Review**, 11:1, 9-15, 1999.
- GOFFMAN, E. **Framing analysis**. Londres: Penguin, 1974.
- HABERMAS, J. **The Theory of communicative action, Vol.II**. Boston: Beacon Press, 1987.
- HABERMAS, J. Further Reflections on the Public Sphere. In: CALHOUN, Craig (ed.). **Habermas and the Public Sphere**, 1992, pp.421-461.
- HABERMAS, J. A Reply to my Critics. In: THOMPSON, John B.; HELD, David (eds.). **Habermas: critical debates**. Cambridge: MIT Press, 1982, pp.219-283.
- HABERMAS, J. **Pensamento Pós-Metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Parmênides**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HUSSERL, E. **La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale**. Paris: Gallimard, 2004.
- HUSSERL, E. **The idea of phenomenology**. Amsterdã: Martinus Nijhoff, 1973.
- JACKS, N. **Querência**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- LIMA, L. C. **Mimesis e modernidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- LIMA, V. A. Repensando a(s) teoria(s) da Comunicação. In: MELO, J. M. **Teoria e Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Cortez/Intercom, 1983.
- MARCONDES FILHO, C. **A comunicação para os antigos, a Fenomenologia, o bergsonismo**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARTINO, L. M. S. e MARQUES, A. C. S. A ética da comunicação a partir da abordagem dos conceitos de interesse e uso da linguagem. **Galáxia**, n. 23, p. 139-152, jun. 2012.
- MARTINO, L. M. S. **Estética da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MARTINO, L. M. S. **Comunicação e Identidade**. São Paulo: Paulus, 2010.
- PIZZI, J. **O mundo da vida: Husserl e Habermas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- SCHATZKI, T. R. The Nature of Social Reality, **Philosophy and Phenomenological Research**, Vol. 49, No. 2. (Dec., 1988), pp. 239-260
- SCHIEFFELIN, E. L. Reciprocity and the Construction of Reality. **Man**, New Series, Vol. 15, No. 3. (Sep., 1980), pp. 502-517.
- SCHUTZ, A. **Collected Papers**. Haia: Martius Nijhoff, 1962.
- SCHUTZ, A. e LUCKMANN, T. **The Structures of the Life-World**. Evanston: Northwestern University Press, 1973.
- SIGNATES, L. Epistemologia da Comunicação na Democracia. **Novos Olhares**, no. 11 vol. 1, 2011.
- STEIN, E. **Compreensão e finitude**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- STEIN, E. **Mundo vivido**. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2004.

TEMER, A. Comunicação e o jornalismo: fundamentos para o debate conceitual. In: FERREIRA, J.; SIGNATES, L.; PIMENTA, F. (orgs.). **Estudos de Comunicação: transversalidades epistemológicas**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2010, p.115-132.

VAN GORP, B. The Constructionist Approach to Framing: Bringing Culture Back. In: **Journal of Communication** 57 (2007) 60–78, 2007.

VIZER, E. **A trama (in)visível da vida social**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

WOLTON, D. **Penser la Communication**. Paris: Essais, 1997.